



DECRETO N.º 3549 DE 29 DE DEZEMBRO DE 1969

Dispõe sobre denominação de vias públicas da cidade de Campinas

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25 da Lei n.º 3842 de 19 de Setembro de 1967 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:—

- I) — "DANTE ALIGHIERI" a avenida 5 do Jardim do Lago, com início na avenida das Amoreiras e término na rua Y do mesmo loteamento;
- II) — "FAGUNDES VARELA" a rua que tem início na rua Rocha Novais, formada pela rua 18 do Jardim Eulina, terminando na rua 1 do Jardim Eulina;
- III) — "REV. PROF. HERCULANO GOUVEA JÚNIOR" a rua 6 do loteamento Jardim do Lago, que tem início na rua 5 e fim na rua Y, do mesmo loteamento;
- IV) — "HERMANO RIBEIRO DA SILVA" a rua que tem início na avenida Marechal Rondon, formada pela rua 5 do Jardim Eulina e termina na rua Rocha Novais;
- V) — "JOAQUIM RAPHAEL DA ROCHA SOBRINHO" a rua que tem início na rua Maria da Encarnação Duarte, formada pela rua 29 da Chácara da Barra e termina na rua Mogi-Guaçu;
- VI) — "JOSE SANCHEZ" a rua que tem início na rua 10, formada pela rua 28, terminando na rua 23, todas do Jardim Eulina;
- VII) — "MARTIN LUTHER KING JUNIOR", a rua que tem início na rua Rocha Novais, formada pela rua 11 e termina na avenida A, todas do Jardim Eulina;
- VIII) — "DR. OSWALDO DA SILVEIRA NEVES", a rua que tem início na rua 7, formada pela rua 27 e termina na rua 5, todas do Jardim Eulina;
- IX) — "DR. PEDRO ANTONIO PIERRO" a rua que tem início na rua 3 é formada pelas ruas 6, 5 e 4 do loteamento Vila Sônia e termina na rua dos Expedicionários, no Distrito de Sousas.
- X) — "DR. VERGNIAUD NEGER" a rua que tem início na rua Dr. Júlio Soares de Aranha, formada pela rua 17 do Parque São Quirino e termina na rua 23 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Campinas, 29 de dezembro de 1969.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JÚLIO MARIANO JUNIOR
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
 Publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.
GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE

HERMANO RIBEIRO DA SILVA



Nossa terra e nossa gente

A história trágica do último bandeirante

C. S. F.

Hermano Ribeiro da Silva, o último bandeirante, morreu em pleno sertão do Rio das Mortes no dia 24 de novembro de 1937. Precisamente, naquele dia, São Paulo preparava-se para festejar-lhe a volta gloriosa das selvas para onde o heróico explorador partira à frente da Bandeira Anhanguera, trabalhosa e organizada por ele. Seu objetivo tinha sido o de desbravar os sertões e abrir para a civilização as terras desconhecidas da região do Rio das Mortes, desvendando assim o mistério dos Xaxantes.

Hermano Ribeiro da Silva fora sempre ardoroso patriota. Sentia, na época, negligenciados os altos interesses da Pátria, e lamentava o abandono em que viviam "os grandes sertões" do nosso País. "Pouquíssimos sabem da realidade, e raros são os intelectuais que se deram ao árduo e belo ideal de percorrer a vastidão habitada por cerca de 10 milhões de almas entregues à própria sorte adversa" — dizia ele.

Muitos escritores já haviam percebido o erro enorme de tal situação. E Euclides da Cunha denunciava, como causa básica da tragédia de Canudos, esse divórcio entre o Brasil oficial e o Brasil bruto, esquecido. E' evidente que a situação hoje é bem outra, mas estamos retratando a realidade das décadas de 30 a 40, e mesmo das anteriores.

O nosso último Bandeirante foi um dos defensores do redescobrimto do Brasil. Era um jornalista culto e evoluído, e tinha em mente aquele conselho de Bouglé "tomar uma atitude objetiva, fazer abstração de preferências pessoais e dos impulsos da sensibilidade para tentar ver as coisas como são".

A miragem do sertão empolgava, pois, o nosso sertanista. E ele decidiu buscar o rio das Garças, no Nordeste matogrossense, região diamantífera famosa, envolta em lendas fulgurantes. Cinco jovens robustos e decididos formavam a Bandeira, cujos sofrimentos e peripécias acidentadas dariam para escrever um volume. Certa vez, já em pleno sertão, subindo o rio Pardo, o grupo deparou com um caboclo, encantador de serpentes benzedor e adivinho, que aconselhou o sertanista a jamais dormir no barco: "O lugar é assombrado. Ali morreram, na Revolução de 24 a Tenente Aprígio e alguns soldados. De madrugada, costuma aparecer no rio a embarcação dos mortos, e no convés, o Tenente gritando como um desesperado..."

A riquíssima fauna na região: aves ribeirinhas, biguas, marrecos, jaburus, garças, socós, saracuras — e ainda antas, ariranhas, capivaras, pacas, lontras... atraiu os sertanistas. Mas, também milhões de insetos os atormentavam. As populações ribeirinhas, pobres e sofridas, eram presas do impaldismo. E, por vezes, eles deparavam com um ex-seringueiro, que lhes relatava o exílio na Amazônia, a tragédia dos companheiros, que haviam tombado, aos milhares, atacados pelas febres, sem socorros médicos, e ainda escravizados pelos patrões. Alguns haviam tentado a fuga pela mata, mas raros tinham voltado com vida.

Os componentes daquela Bandeira Anhanguera conheceram bem de perto a zona fabulosa dos garimpos diamantíferos. Ali, durante as estações das chuvas o cascalho era desordenado pelas erosões, de modo que afloravam os diamantes... Altas colunas de granito davam a certos locais aspectos fantasmagóricos. O processo antiquado de extrair o cascalho diamantífero obrigava os pobres garimpeiros a um trabalho pesadíssimo, que começava com escavações e só terminava na apuração por ralos e batéias. Em certos locais já havia escafandros primitivos, que expunham os homens a perigos fatais.

A Bandeira Anhanguera objetivava, antes de tudo, contato com os Xaxantes, na época inimigos de todos os brancos. Selvagens corpulentos e ferozes, eles investiam em bandos numerosos contra os Carajás e os missionários. Os expedicionários passaram por nove aldeias xaxantes, e tentaram inutilmente contato com eles, que na época dominavam toda a região do rio das Mortes.

Este rio das Mortes, tão mencionado na História, já havia sido percorrido nos séculos XVII e XVIII por velhas expedições. Mas os antigos roteiros eram vagos, e a região imensa. Os antigos Bandeirantes Manuel de Campos e Bartolomeu Bueno, já haviam topado com zona riquíssima em ouro, a que chamaram Martírios em vista da Serra ter semelhança com a coroa de espinhos, lança e cravos da Paixão de Cristo. Alguns anos depois, Bartolomeu Bueno, o Filho, quis redescobrir os Martírios, mas "errando o rumo, acabou por descobrir as minas de Golás, nome do gentio que o habitava".

A Expedição de Hermano Ribeiro da Silva, naquele ano de 1937, percorreu penosamente o bravo sertão do Rio das Mortes, anotando tudo quanto via: caça e pesca, aspectos geográficos e a inculta e selvagem beleza da paisagem. Mas eles não viviam apenas de aventuras. Dias amargos vieram com as chuvas, a falta de alimentos, o cansaço extremo. A volta era indispensável numa tentativa de sobrevivência. A Bandeira, então, dividiu-se, e Hermano ficou para trás... Mas, exausto e doente, não suportou a caminhada, e morreu no sítio de um sertanejo, Augusto Severo. Mas, seus companheiros trouxeram das selvas preciosos documentários, e a esperança de pacificação dos Xaxantes, o que seria conseguido anos depois.

CHAMOU-SE HERMANO RIBEIRO DA SILVA O "ULTIMO BANDEIRANTE" DO ARAGUAIA

Comemora-se hoje o 20.º aniversário da morte do chefe da «Bandeira Anhanguera» — Passou a vida procurando entrar em contato com os xavantes — Morreu em plena selva quando se preparava para regressar a São Paulo

24-NOV-1957 F.d. - 24-NOV-1957

Transcorre hoje o 20.º aniversário da morte de Hermano Ribeiro da Silva, que empreendeu e chefiou a "Bandeira Anhanguera" através dos sertões do Araguaia e do planalto mato-grossense. O sonho desse "último bandeirante" paulista fora parcialmente realizado, poucos dias antes de falecer, quando alguns homens de sua expedição conseguiram entrar em contato com os Xavantes, a mais temida e inacessível tribo indígena de Mato Grosso.

A morte de Hermano Ribeiro da Silva ocorreu às margens do Araguaia, próximo ao sertão do rio das Mortes, quando a "Bandeira Anhanguera" já se preparava para voltar, após cerca de três meses de luta contra o desconhecido e depois de, numa última tentativa, ter procurado atingir a serra do Roncador para alcançar as cabeceiras dos rios formadores do Xingu.

De qualquer forma, o sonho do jornalista e escritor bandeirante valeu preciosos informes sobre regiões ainda não atingidas pelos brancos e sobre algumas tribos indígenas que jamais haviam entrado em contato com a civilização. A Bandeira Anhanguera se deve a iniciativa pioneira de haver tentado, há 20 anos, revelar um mistério que ainda hoje não foi de todo desvendado.

UM BANDEIRANTE NATO

Hermano Ribeiro da Silva, segundo relatam os que o conheceram, era um moço alegre, idealista e dotado de grande simpatia. Trabalhava como repórter no "Diário Popular". Mas sempre foi um apaixonado do sertão. Frequentemente largava o jornal, fugia de São Paulo e ia, por sua própria conta, embrenhar-se no mato.

Conta Renato Soares de Toledo, em conferência pronunciada no Clube Piratininga, em 1942, que Hermano Ribeiro da Silva esteve diversas vezes na margem esquerda do rio Araguaia, entre o Cristalino e o Tapirapés, a fim de entrar em contato com sertanistas e garimpeiros. Seu objetivo era aproximar-se dos Xavantes. Como, entretanto, essa tribo era



O "último bandeirante" repousa num túmulo simples, em Leopoldina. Na foto aparecem os componentes da "Bandeira Anhanguera".

inacessível e de uma ferocidade extrema, Hermano procurou conviver com os Carajás, os Javaés os Tapirapés e outros selvagens mais acessíveis.

Como resultado de suas aventuras pelo sertão, Hermano Ribeiro da Silva escreveu um livro, "Sertões do Araguaia", no qual descreve seus contatos com tribos indígenas e com os poucos brancos que encontrou nessas regiões de Goiás e Mato Grosso.

A "BANDEIRA ANHANGUERA"

Após mais de 5 anos de incursões pelo sertão, Hermano Ribeiro da Silva delineou, em 1935, uma expedição ao Araguaia. Para isso, movimentou a opinião pública de São Paulo, influenciou amigos e recorreu às autoridades. Houve adesões e apoio e, em julho de 1937, partiu para Goiás a "Bandeira Anhanguera", sob a

chefia de Hermano e composta de 23 homens.

A bandeira atingiu, em 20 de setembro, a margem direita do rio das Mortes. Foi preciso, então, um descanso de 10 dias, porque seus componentes estavam esgotados, após terem vencido os mais variados obstáculos, entre os quais o clima, dos menos propícios, dentro de uma paisagem infestada de mosquitos.

AO ENCONTRO DOS XAVANTES

Iniciada a segunda etapa da penetração na floresta, a "Bandeira Anhanguera" precisou enfrentar os mais temíveis perigos, antes de conseguir o primeiro contato direto com os Xavantes.

Hermano Ribeiro da Silva e seus homens lutaram até o heroísmo, conseguindo afinal atingir a principal aldeia dos Xa-

vantes, em 27 de outubro de 1937. Esse sucesso, entretanto, foi passageiro, pois não houve meios capazes de fazer a tribo xavante tolerar a presença dos brancos. Os índios atacavam o acampamento dos bandeirantes, as chuvas se tornavam mais fortes e violentas e a fome era cada vez maior.

Hermano decidiu atingir a serra do Roncador, para chegar às cabeceiras dos rios formadores do Xingu. Pretendia, assim, refugiar-se entre os Bacacaris, índios semi-civilizados. Uma vanguarda percorreu 15 leguas para conhecer aquela serra, mas voltou afirmando que seria impossível superar os obstáculos.

TENTATIVA DE SALVAMENTO

Dada a situação crítica em que se achava a "Bandeira Anhanguera", a população de São Paulo, informada a esse respeito, resolveu ir em socorro da expedição. Um avião da Vasp tentaria um voo de 2.000 quilômetros (quase uma aventura, para essa época), a fim de levar-lhe mantimentos e socorros. Hermano Ribeiro da Silva, entretanto, não quis maiores sacrifícios para seus companheiros. Decidiu voltar. Formaram-se três caravanas, que seguiriam por caminhos diversos.

Hermano ficou com o terceiro grupo. Queria ser o último a deixar aquele sertão, no qual buscara desvendar mistérios que a civilização jamais conhecera.

Mas não voltou jamais. Em virtude de molestia contraída no sertão, a morte o colheu em plena selva, quando estava descansando, com seu grupo, num pequeno sítio próximo de Leopoldina. Era 24 de novembro de 1937.



Hermano Ribeiro da Silva

("Folha da Manhã" de S. Paulo,
de 24-novembro-1957)

Hermano Ribeiro da Silva

20.º aniversário do seu
falecimento

No dia 24 de novembro de 1937, às 2 horas e 20 minutos, falecia, aos 35 anos, em Mato Grosso, Hermano Ribeiro da Silva.

Esse sertanista chefiava, então, a Bandeira Anhanguera, que, partindo de São Paulo, fixou em Barreira Nova, à margem esquerda do rio Araguaia, o marco zero da penetração, que iria empreender no território dos Xavantes. Dessa localidade, depois denominada Porto Anhanguera, enveredou a Bandeira pelos sertões desses índios e, atravessando o Cristalino e o rio das Mortes, atingiu, após arduas jornadas, a divisora dos rios Araguaia e Xingu, a lendária Serra do Roncador, em cujos contrafortes foi descoberta, que, então pela primeira vez, uma aldeia de fixação dos Xavantes apresentava à curiosidade do homem civilizado.

No retorno da caminhada, uma parte da expedição, cumprindo objetivos científicos, desceu o rio das Mortes, demandando os Javás e Carajás.

O restante da Bandeira, palmilhando o mesmo itinerário da entrada, dirigiu-se para o ponto de partida. No sítio Mato Verde, morada do sertanejo Angelo Severo, Hermano Ribeiro da Silva faleceu. Seu corpo, conduzido para Leopoldina, foi sepultado no cemitério local.

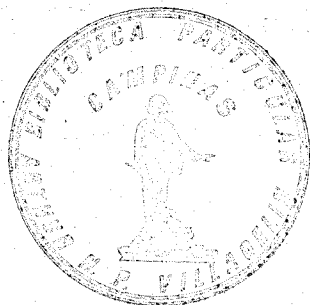
Ao localizar a aldeia dos Xavantes, na sua mensagem de 27 de outubro de 1937, Hermano comunicava: "É realidade absoluta o desvendamento dos Xavantes, cujo compromisso assumimos. Nossos rapazes são o orgulho da geração atual. O padre Nunes (missionário salesiano que se incorporou à expedição no rio das Mortes) felicitou-nos, a todos os participantes desta primeira penetração junto aos Xavantes, declarando textualmente que não poderia desejar melhor contribuição para a catequese desses índios, julgando a nossa façanha a maior vitória da Bandeira, à qual se orgulhava de pertencer".

Não havia, até o tempo das notícias da Bandeira Anhanguera, qualquer informação positiva sobre os Xavantes. Foi, pois, Hermano Ribeiro da Silva quem revelou a existência desses índios; quem descreveu seus usos e costumes, disse quem eram eles e contou das suas aldeias de caça e da sua grande aldeia permanente para lá do rio das Mortes.

Desvendado, assim, o mistério que cercava esses índios lendários, facilitou a Bandeira Anhanguera as expedições posteriores que procuraram palmilhar aquele território.

Não se limitou somente a Bandeira Anhanguera a transmitir informações sobre os Xavantes. Trouxe para São Paulo copioso material apanhado nas regiões percorridas e que foi doado a instituições científicas, estando de posse do Museu do Ipiranga o precioso acervo dos chamados Akue-Xavantes.





Lembrado o sertanista da Bandeira Anhanguera

Doenças, insetos e falta de alimentos eram problemas comuns para os sertanistas, na década de 30, nas florestas de Mato Grosso e Goiás. Além desses desafios, havia outro: a necessidade de contactar os índios xavantes chamados, à época, de "invisíveis" e "fabulosos". Nem todos, porém, conseguiram resistir: há 47 anos morria Hermano Ribeiro da Silva, sertanista que chefiou a "Bandeira Anhanguera" — primeira expedição, depois do ciclo dos Bandeirantes, a explorar a região das cabeceiras dos rios Xingu e das Mortes.

Patrocinada pelo jornal O Estado de S. Paulo e por uma emissora de rádio da Capital, a Bandeirantes, a expedição fez um amplo levantamento etnográfico da região, fotografando, filmando e convivendo com os índios xavantes, contribuindo para o esclarecimento de muitos pontos até então não esclarecidos. Movido pela necessidade de aventura, Hermano realizou, antes da "Bandeira Anhanguera", quatro longas viagens pelos sertões de Mato Grosso, Goiás e Pará, convivendo durante três anos com os índios carajás, javaes e tapirapés.

Sob uma forte garoa, no mês de julho, o líder da expedição deixou São Paulo para o que ele chamou de "aventurosa viagem dos nossos sonhos", chegando à serra do Roncador no final de outubro, penetrando nas terras dos Xavantes. Obteve importantes informações sobre novas

doenças, além de realizar pesquisas sobre a riqueza mineral da região. Ao retornar a São Paulo, Hermano Ribeiro da Silva morreu, vítima de intensa febre.

Localizado ontem em Borrásópolis, interior do Paraná, Cyro de Toledo Piza, 68 anos, é um dos ex-integrantes da "Bandeira Anhanguera". Lembra, com saudades, da personalidade de Hermano, "um homem sem vaidades que fez com que sua figura permanecesse como exemplo para as gerações que o sucederam". Na sua opinião, a expedição enfrentou dificuldades de todos os tipos nos cinco meses que ele permaneceu no sertão entre os rios Xingu e das Mortes. Depois disso, voltou à região, ajudando a Força Aérea Brasileira na abertura de campos de aviação.

Além dos encargos naturais de chefe da Bandeira, Hermano cuidou das pesquisas etnográficas e das observações da geografia da região. Deixou em sua ficha de inscrição, na rádio Bandeirantes, as seguintes palavras: "Com a minha responsabilidade de organizador e chefe da 'Bandeira Anhanguera', afirmo que todos os meus companheiros de jornada hão de completar a indestrutível força ideal que me anima nessa entrada, conduzido pelos sentimentos de brasileiro e de descendente daqueles supremos construtores da Pátria — os bravos 'barbaçudos' de Piratinin-ga. Não terão limites os nossos sacrifícios no fito claríssimo do cumprimento desse dever".

(Do jornal "O Estado de S. Paulo" de 24-11-1984)